

Percursos contemporâneos: olhares sobre a arte, ciência e tecnologia

Pablo Gobira

O livro “Percursos contemporâneos: realidades da arte, ciência e tecnologia” apresentou uma miríade de olhares sobre a arte, ciência e tecnologia no contexto contemporâneo. Apresentamos percursos atuais propostos por professores/as e pesquisadores/as doutores/as, muitos deles/as referências amplamente reconhecidas nos estudos que empreendem.

Atravessamos as Américas, do Sul ao Norte, trazendo estudos de pesquisadores/as da Argentina, Brasil e Canadá. Trouxemos resultados de pesquisas sobre a arte, ciência e tecnologia, mas alguns autores abordaram as suas produções artísticas, como foram os casos de Gilbertto Prado, Lynne Heller, Fábio FON, por exemplo.

Os temas principais são abordados através de diversas outras correlações que revelam nuances a partir de olhares múltiplos. Assim, também foram temas deste livro: a “alquimia”, a “realidade” e a “mentira”, os “museus” e as “paisagens”, o “interator” e a recepção da obra de arte, a “realidade virtual” e a dimensão artesanal que ela implica, as “hibridações”, a “preservação” e a “memória”, a “imagem técnica e poética” dentre outros.

Trouxemos percursos específicos da contemporaneidade e buscamos explorar as realidades da arte, ciência e tecnologia em relação. Podemos dizer que um fantasma paira por detrás das discussões aqui presentes, mas dele ainda não estamos tratando de modo suficiente no campo a não ser ao tempo e ao passo dos noticiários, ainda em tom de novidade e atualidade. O fantasma das indústrias encontra-se presente e ausente ao mesmo tempo, de modo que sua presença se destaca apenas quando importa estrategicamente.

Acreditamos que ainda falta olharmos mais para a escuridão, como propõe Giorgio Agamben (2009) em “O que é o contemporâneo?” [1], em vez de admirarmos a luz que cega-nos perpetuamente com o seu brilho atual. Aparentemente começamos a vislumbrar a possibilidade de ver a escuridão quando percebemos no múltiplo da realidade o acúmulo do mesmo, seja chamando-o de antropoceno [2], seja considerando esse fenômeno como “pós-digital” [3]. De fato, tal como pensamos na ideia de pós-digital, estamos diante do início do “assentar” dessas camadas de realidade que, como as placas tectônicas, encontram-se em atrito gerando choques. Mas, tal como as placas tectônicas, algumas realidades têm se sobreposto a outras; têm provocado vulcões e suas erupções; e têm gerado terremotos maiores ou menores em locais diversos.

Os trabalhos deste livro revelaram percursos de leitura dessas realidades diversas. Os importantes pesquisadores que compõem

esta obra nos mostram caminhos entre essas placas em deslocamento e, por isso, acabam escolhendo e percorrendo um ou mais percursos, uma ou mais realidades. Cabe ao/à leitor/a, a partir de agora, analisar e constituir a sua própria leitura, o seu próprio percurso, buscando não apenas dar mais passos, mas enxergar além do brilho sem desviar o olhar.

Notas

- [1] Ver: AGAMBEN, GIORGIO. “O que é o Contemporâneo?” In: AGAMBEN, Giorgio. *O que é o Contemporâneo?* e outros ensaios. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- [2] Ver: PARIKKA, Jussi. Antrobsceno: um tempo profundo alternativo. In: GOBIRA, Pablo; MUCELLI, Tadeus (Orgs.). *Configurações do pós-digital: arte e cultura tecnológicas*. Belo Horizonte: EdUEMG, 2017. p. 156-179
- [3] Ver: SANTAELLA, Lucia. Pós-digital: por quê? A cultura digital na berlinda. In: SANTAELLA, Lucia (Org.). *Temas e dilemas do pós-digital: a voz da política*. São Paulo: Paulus, 2016. p. 79-94